

REALISMO E UTOPIA

Paulo Pozzebon - IFAN
e alguns ótimos colaboradores

Quando se observam o debate cotidiano nos corredores, as bravatas da campanha eleitoral ou mesmo as notícias dos telejornais, é fácil constatar que, em geral, nós brasileiros andamos demasiado conformados, resignados com a situação atual e as perspectivas da vida. Conformamos-nos com a crise econômica, com a corrupção dos políticos, com a burocracia burra e autoritária das instituições, com a omissão do Estado e dos serviços públicos, com a injustiça social, com o crescimento contagioso do crime organizado, enfim, com o amesquinamento da vida. Submissos, chamamos esta situação de “realidade”, ou de “normalidade”. O conformismo ganha o nome de “realismo”.

As conseqüências são graves, embora pouco visíveis: cria-se o clima propício ao medo, ao pessimismo e, ao invés de pormos nossa esperança no futuro, passamos a temê-lo. A economia tende a se restringir aos investimentos “seguros” e a lógica do mercado passa a servir como ética; na política, triunfam mais uma vez o conservadorismo, “experiente e seguro”, bem como a demagogia, que não se envergonha de prometer milagres; na educação, iniciativas pedagógicas de valor cedem lugar a preocupações burocráticas e as atividades tendem a limitar-se ao ensino; torna-se freqüente não se ensinar os jovens a traçarem projetos para suas vidas, mas somente a procurarem garantias.

Pensar assim é condenar-se à tristeza e à impotência. É abrir mão da capacidade exclusivamente humana de traçar seu futuro, fazer sua própria história; é declinar da liberdade de escolher seus objetivos e linhas de ação e, mesmo, os significados da própria vida. O realismo conformista supõe que a realidade humana limita-se tão-somente à situação presente que estamos vivendo, ao aqui-agora. A situação presente é árdua, mas nela estão também contidos bons motivos para modificá-la, pessoas que desejam viver uma situação diferente, ideais e esperanças, bem como as possibilidades – talvez despercebidas – de mudar a sociedade e a vida em que vivemos.

Neste país, neste momento, precisamos de sonhos, de uma utopia. Utopias não devem ser confundidas com fantasias irrealizáveis nem com fugas subjetivas da realidade. Utopias são projetos coletivos de transformação

da realidade que vivemos. Nascem da recusa da realidade vivida e do desejo de um mundo melhor, alimentam-se de esperança, amadurecem ao transformar-se em projetos e concretizam-se quando pessoas suficientemente generosas e determinadas empenham suas vidas na construção da realidade sonhada. Foi Chaplin quem lembrou que as maiores conquistas da humanidade foram arrancadas do que parecia impossível. E a História tem muitos exemplos disso: as lutas pelo fim da escravidão, pela instauração dos direitos dos trabalhadores e das mulheres, pelo fim da ditadura e outras. O próprio Cristianismo é uma grande utopia de transformação do mundo em Reino de Deus; sua longa marcha está longe de completar-se, mas não se pode negar que já produziu bons frutos.

As utopias sempre contaram com o entusiasmo da juventude. Os jovens são normalmente audazes, generosos e entusiastas. Mas podem deixar de sê-lo. Os jovens brasileiros têm sido tão sistematicamente bombardeados pelos ideais individualistas do mercado de consumo, pela ética do lucro e do prazer egoístas, pelo espetáculo da corrupção e do crime organizado, que já não se mostram mais indignados perante as injustiças, já consideram inevitável o sofrimento alheio e não mais querem, generosamente, melhorar o mundo. Querem apenas escapar do desemprego, da violência e das drogas.

O risco que estamos correndo, de braços cruzados, é o de criar uma juventude reacionária, mesquinha, infeliz e que considera natural o abismo socioeconômico que divide os brasileiros. Que ninguém se esquive à culpa: muitos dos que no passado sonharam com o socialismo hoje calam-se acomodados; tantos outros que acreditavam na transformação pelo amor renderam-se à resignação. Não houve quem transmitisse seus sonhos aos jovens, nem quem impedisse a mídia de catequisá-los para outros ideais.

Neste país, neste momento, nossos jovens precisam de uma utopia que lhes dê liberdade para recusar as injustiças do presente e esperança de construir um mundo melhor. As universidades, que não surgiram somente para ensinar ciência e tecnologia, talvez possam dar novas lições... de bons motivos para empenhar a vida.

Neste país, neste momento, nossos jovens precisam de uma utopia.

Para continuar e aprofundar:

Assista ao filme: *O poder de um jovem* (1992) Diretor: John G. Avildsen.